

IV CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO:

Desafios Contemporâneos das
Sociedades Ibero-Americanas

De 23 a 27 de agosto de 2021

EVENTO ONLINE

ANAIIS DO EVENTO

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



Comissão Organizadora

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Marcelo Feldhaus	Diretor de Ensino de Graduação Representante da Pró-Reitoria Acadêmica Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Carlos Renato Carola	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato	Coordenadora do Curso de Artes Visuais Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Me. Bruno Dandolini Colombo	Curso de Educação Física Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Cibebe Beirith Figueiredo Freitas	Coordenadora Adjunta do curso de Letras Representante dos cursos de Licenciatura Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Jeferson Luis Azeredo	Comissão de Divulgação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Lucene Cândido Magnus	Representante discente do curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Vanessa Marcos Medeiros	Representante do Conselho Editorial Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Rafaela Ribeiro Pereira	Representante da Diretoria de Ensino de Graduação Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Comissão Científica

Profª Dra. Giani Rabelo	Presidenta da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Ismael Gonçalves Alves	Vice-presidente da Comissão Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Birgit Harter-Marques	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais - PPGCA Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Profª. Dra. Graziela Fátima Giacomazzo	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Antonio Fernando Silveira Guerra	Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Profª. Dra. Maria Teresa Santos Cunha	Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Prof. Dr. José Antonio Mateo	Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) Universidad Nacional de Entre Ríos - UNER (Argentina)
Profª. Dra. Ana Paula Vosne Martins	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Profª. Dra. Silvia Maria de Favero Arend	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
Profª. Dra. Amalia Morales Villena	Universidad de Granada - Espanha
Profª. Dra. Maria Stephanou	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Denise Balarine Cavalheiro Leite	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Profª. Dra. Ana Sabrina Mora	Universidad Nacional La Plata - UNLP (CONICET) - Argentina
Profa. Dra. Patrícia Ferraz de Matos	Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Miguel Anxo Santos Rego	Universidade de Santiago de Compostela - Espanha
Prof. Dr. Agustín Escolano Benito	Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE) - Espanha
Prof. Dr. Alex Sander da Silva	Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Prof. Dr. Christian Muleka Mwewa	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS
Prof. Dr. António Gomes Ferreira	Universidade de Coimbra - Portugal
Profª Dra. Patricia Paola Ames Ramello	Pontificia Universidad Católica del Perú - Peru
Profª Dra. Maria Luiza Rico Gómez	Instituto Universitario de Estudios Sociales da América Latina Universidade de Alicante - Espanha
Profª Dra. Maria João Mogarro	Instituto de Educação Universidade de Lisboa - Portugal

Grupos de Trabalho

Giani Rabelo e Ismael Gonçalves Alves

Finanças

Amalhene Baesso Reddig, Aurélia Regina de Souza Honorato e Maxuel Sander Flor

Cultura

Birgit Harter Marques e Matheus Zimmermann

Monitoria

Caroline Bortot, Jeferson Luis de Azeredo e Lucas Damásio

Comunicação e Divulgação

Lucene Cândido Magnus e Rafaela Ribeiro Pereira

Secretaria Geral

Leila Laís Gonçalves, Paulo Martins e Wender Firmino

Tecnologia

Carlos Renato Carola e Cibele Beirith Figueiredo Freitas

Apresentações de Pôsteres

Secretaria

Rafaela Ribeiro Pereira

Secretária da Diretoria de Ensino de Graduação
Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

Diagramação

Victor Burato

Designer

Realização



PROACAD
Pró-Reitoria
Acadêmica

Apoiadores



GT42

**Experiências e expectativas
entrelaçadas: Arquivos
Pessoais de Professores/as
no Tempo Presente**

SUMÁRIO

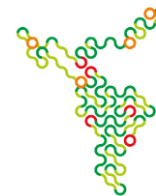
CLIQUE E SEJA DIRECIONADA/O PARA O TRABALHO

**7 PERCURSOS DE UM ARQUIVO COMO GÊNERO
BIOGRÁFICO: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO**

Susane da Costa Waschinewski
Maria Teresa Santos Cunha

**15 A TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DA
PROFESSORA NORMALISTA DINÁ DA SILVA NO
MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE/SC (1943-1988)**

Renata Carreira Corvino



PERCURSOS DE UM ARQUIVO COMO GÊNERO BIOGRÁFICO: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Susane da Costa Waschinewski¹
Maria Teresa Santos Cunha²

Resumo: O estudo propõe conjecturar sobre as potencialidades analíticas dos arquivos pessoais para a construção de pesquisas no campo da História da Educação. Como os arquivos que escapam da “oficialidade” comportam traços de autoarquivamento ao mesmo tempo que possibilitam analisar outros temas pertinentes ao campo. Para tal investimento tem-se como objeto de estudo o arquivo pessoal da professora catarinense Jessy Cherem (1929-2004), composto de variados documentos, que apontam aspectos biográficos da personagem, como informações pessoais, profissionais, deslocamentos, pensamentos e projetos. E que aqui serão compreendidos como um “arquivo biográfico”, pois seus vestígios documentais permitem conhecer passagens de sua vida, ou seja, os bastidores dos projetos, anseios, cargos e viagens em que esteve envolvida. Seus documentos produzidos em momentos distintos, em variadas circunstâncias, consentem entrever as atividades que desempenhou e, portanto, possibilitam aproximações com o fazer-se dos indivíduos ao longo de sua vida.

Palavras-chave: Arquivos pessoais. Estudos biográficos. História da Educação.

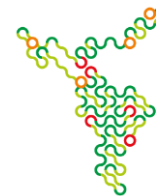
INTRODUÇÃO

O ato de arquivar é um “tipo de testemunho”. No plano pessoal, é um modo de evidenciar e memorar nossas vidas- nossa existência, nossas atividades e experiências, nossas relações com os outros, nossa identidade, nosso “lugar” no mundo (MCKMMISH, 2018, p.239).

Guardar papéis, organizar álbuns fotográficos, preservar certificados, documentos comprobatórios, fazem parte das atividades cotidianas de muitas pessoas. Reunir documentos ou objetos nos auxiliam como prova, atestam sobre determinados momentos, servem como suportes a memória. Muitos professores, intelectuais da educação reúnem documentos ao longo de sua atuação. Lidam com papéis diariamente, nas atividades de registro das aulas, nos planos e planejamentos, na elaboração avaliações, atividades, na produção de escritas reflexivas sobre a própria prática docente.

¹ Doutora, pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis/Brasil.

² Prof.^aDr.^a. na Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis/Brasil.

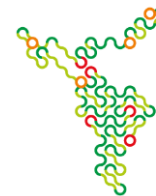


Muitos professores analisam e escrevem sobre legislações educacionais, as mudanças sentidas os anseios e os desejos da categoria que integram. Outras vezes recebem e guardam bilhetes, homenagens, cartões, acumulam atividades que por algum motivo não foram entregues a seus titulares. Assim diferentes documentos em variados suportes e materialidades passam a repousar em arquivos privados de professores.

Estes conjuntos documentais interessam os historiadores pois funcionam como ato de produção de memória, “Eles guardam e constroem memórias de um tempo pessoal e escolar, e comportam narrativas escritas daquele cotidiano expressas sob forma de descrições de atividades realizadas na escola (CUNHA, 2019, p.135). Esses guardados “[...] não apenas se referem aos negócios e atividades formais de caráter oficial do indivíduo, como também uma importante fonte de informações sobre a vida e as relações cotidianas e pessoais, quase que por sua própria natureza” (HOBBS, 2018, p. 26). Escapam a “oficialidade”, geralmente esquecidos em velhos baús, caixas, sofrendo com ação do tempo, preservam vestígios e memórias que permitem conhecer aspectos tanto da vida de seus titulares como das atividades que exerceram, ou seja, aqui nos interessa aspectos sobre a vida dos professores e a cultura escolar, pois:

Eles representam sempre o vínculo pessoal que o titular mantém com o mundo. O sentido monumental/histórico do arquivo pessoal não é descoberto pelo profissional de arquivo. Ele se encontra no próprio ato intencional de acumular documentos. O arquivo passa a representar uma espécie de pirâmide. Guarda a memória do titular e a de seu tempo para as gerações futuras, podendo contar muito mais do que imagina. (DUARTE; FARIAS, 2005, p. 34).

Portadores de memórias íntimas, abrem janelas para espiar contextos em que seus produtores viveram. Constituindo-se assim de valiosas fontes documentais para História da Educação. Nestes guardados há sempre o ato de escolher, seleciona-se: cartas, certificados, recordações de solenidades escolares, fotografias, cadernos de planejamento, cadernos e diários, ou seja, documentos que geralmente o portador possui alguma relação de afecção. São “papéis para a compreensão das práticas pedagógicas, das trajetórias de vida, dos dilemas da sala de aula” (MIGNOT, 2008a, p. 100). De diferentes tipologias “geralmente em suporte de papel, organizados em livros, dossiês e avulsos, produzidos pelos atores educativos e pela própria instituição, no âmbito das suas atividades e a um ritmo que podemos considerar quase cotidiano” (MOGARRO 2005, p. 78). Ao manusear arquivos pessoais de professores, muitos pesquisadores têm observado que os titulares reúnem vestígios documentais de seus percursos formativos e profissionais (MOGARRO, 2005).



É sobre as possibilidades de análise e produção de conhecimento para o campo da História da Educação, tendo como fonte e objeto de estudo arquivos pessoais de professores, que esta comunicação busca dialogar. Para tal faz necessário apresentar de brevemente alguns resultados já alcançados e algumas aproximações já construídas por meio do arquivo pessoal da professora catarinense Jessy Cherem (1929-2014).

1. PERCURSOS DE UM ARQUIVO COMO GÊNERO BIOGRÁFICO

Figura 1: Cursos pelo estado de Santa Catarina

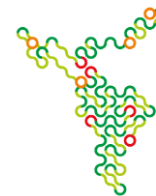


Fonte: Arquivo pessoal de Jessy Cherem - Jessy orientando professores nos cursos em Lages - Santa Catarina. Álbum antigo. s/d

Jessy Cherem, professora catarinense, nasceu em 1929 no município de Tijucas/SC, ainda em seus primeiros anos passou a residir em Florianópolis/SC, (faleceu no referido município em 2014), foi onde também iniciou seu percurso na área da educação. Inicialmente como estudante normalista no Colégio Coração de Jesus, onde passou a lecionar, dando seus primeiros passos no magistério.

Jessy Cherem é objeto de pesquisa da tese defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina³, que teve como objetivo analisar o percurso de vida da professora, em especial no que se refere aos aspectos educacionais, na tarefa que

³ Orientado pela prof.^a Dr.^a Maria Teresa Santos Cunha e coorientado por Giani Rabelo. E disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/296/SUSANE_DA_COSTA_WASCHINEWSKI_Tese_16154914620243_296.pdf



desempenhou frente a formação de professores e como uma representante do estado em um projeto de modernização educacional catarinense. Por meio de sua história de vida e seu arquivo pessoal, busquei vestígios que ajudam a conhecer o cenário educacional, em especial os desdobramentos de sua participação no em programas de formação que são poucos conhecidos na História da Educação.

A escolha desta professora, se deu por diferentes fatores entre eles, o encontro com seus documentos pessoais e profissionais, que aos poucos me conduziram a conhecê-la e que proporcionaram refletir sobre a potência e as possibilidades da vida da personagem para a produção de novos conhecimentos para a História da Educação. Ao longo da pesquisa pode-se constatar a ausência de documentos em diversos locais de salvaguarda e órgãos educacionais, referentes a um programa de aperfeiçoamento de professores que Jessy participou, e que além dela outros dezenove⁴ professores catarinenses também teriam realizado a formação como bolsistas do programa.

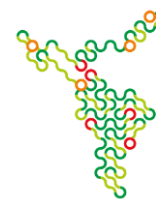
Este curso de aperfeiçoamento, chamado Programa de Assistência Brasileiro-americano ao Ensino Elementar (PABAE-INEP (1956-1964)), foi meu objeto de estudo durante o mestrado⁵, e constitui-se de cursos destinados para as professoras normalistas e técnicos educacionais, que tinham como objetivo melhorar a qualificação desses profissionais e elevar os índices educacionais que eram problemáticos durante as décadas de 1950-1960. A participação de Jessy Cherem no ano de 1962, constitui-se de um acontecimento que tomou parte da investigação também no doutorado, devido o qual considero um evento que possivelmente delineou novos caminhos em seu curso profissional, proporcionando uma série de desdobramentos que ajudam a visualizar o cenário educacional local e nacional.

Reunir o arquivo pessoal da personagem tornou-se uma ação importante, visto que os documentos ditos oficiais pouco falavam sobre o PABAE-INEP na esfera nacional, maior ausência sentida no estado Catarinense, onde as memórias do programa foram possíveis ser conhecidas apenas por meio de testemunhos orais, e pela doação de manuais didáticos⁶. Reunir partes do arquivo pessoal

⁴ Segundo relatório elaborado pelo PABAE 1959-1964. Disponível no livro de PAIVA, E. V.; PAIXÃO, L. P. PABAE (1956-1964): a americanização do ensino elementar no Brasil? Niterói: UFF, 2002.

⁵ A dissertação desenvolvida, é intitulada "Biblioteca de Orientação da Professora Primária: as regras de civilidade no conteúdo de Estudos Sociais do Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAE (1956-1964) ", dediquei-me a explorar questões sobre o PABAE-INEP e os preceitos de civilidade difundidos por meio dos referidos manuais, em especial, ao volume de Estudos Sociais.

⁶ Sobre os manuais didáticos do PABAE-INEP, pode consultar o artigo Itinerários de uma professora: um diálogo com os manuais didáticos. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/487>

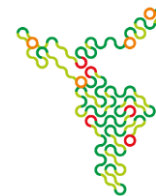


de Jessy foi uma tarefa desafiadora e que chamou atenção para questão da dispersão dos arquivos pessoais após o falecimento de seus titulares e como fragmentação desses documentos condicionam a incompletudes e a construções ilusórias sobre o personagem em questão.

As partes do arquivo pessoal de Jessy Cherem foram reunidas por meio das seguintes etapas: contato com os familiares, resultando nos documentos concedidos por seu filho, que totalizam 230 peças, entre elas estão álbuns fotográficos, documentos pessoais, cartas, recortes de jornais, cartões postais e homenagens. Além de estabelecer o contato com seus familiares, fui mapeando outras formas para encontrar documentos que foram destinados a pessoas e instituições (como as cartas), em especial com pesquisadores que haviam entrevistado Jessy. Um dos locais de guarda desses documentos é o acervo documental do Grupo de Pesquisa História e Memória da Educação GRUPEHME-UNESC). Ao conceder entrevista para a pesquisa de Angélica da Silva Goulart (2012) “Jessy Cherem: a construção da trajetória de uma educadora em Criciúma na década de 1960”, a entrevistada disponibilizou alguns documentos para consulta e outros fez doação ao grupo de pesquisa, na ocasião esses documentos foram digitalizados. Essa ação permitiu a preservação do conteúdo (mesmo que apenas em meio digital de alguns deles). Totalizando assim, 61 peças, entre elas estão certificados, recortes de jornais e fotografias.

A terceira possibilidade encontrada para reunir documentos dispersos de Jessy Cherem, foi o Arquivo de pesquisa da Dr.^a Katianne Bruhns, que reuniu uma vasta documentação em diferentes locais de pesquisa, entre eles: arquivos públicos, privados e pessoais, mobilizando-os em seu estudo “Museu Histórico de Santa Catarina: Discurso, Patrimônio e Poder. 1970-1990”⁷. Como Jessy Cherem foi a primeira diretora do Museu Histórico de Santa Catarina, permanecendo inclusive durante dez anos no cargo, foi entrevista pela Dr.^a Katianne Bruhns, na ocasião da pesquisa, Jessy Cherem emprestou um conjunto de correspondências enviadas pelo então governador do estado de Santa Catarina, Antônio Carlos Konder Reis (1924-2018), Essa escrita epistolar se refere às atividades do museu, à aquisição de equipamentos, à contratação de funcionários, entre outros assuntos. Ao realizar as cópias desses documentos, Bruhns garantiu a preservação de seus conteúdos, que totalizam dez cartas.

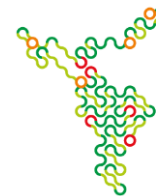
⁷ Tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/93480/276489.pdf?sequence=1>.



Os documentos selecionados e acumulados por Jessy Cherem ao longo de sua vida agora refletem as múltiplas interferências que sofreu, “[...] confirmando a tese de que o arquivo pessoal é, muitas vezes, um projeto coletivo, no qual se sobrepõem várias subjetividades, afastando-se da sedutora imagem de expressão fiel e autêntica da subjetividade de seu titular” (HEYMANN, 2005, p. 48). Ao mesmo tempo que permitem observar traços biográficos revelam intimidades, anseios e projetos da titular. É preciso, portanto, levar em consideração que seu arquivo pessoal carrega intervenções que não são mais apenas as suas. Subjetividades e afecções se misturam e apresentam novas problemáticas. São acontecimentos, cenários educacionais, programas de formação de professores(as) que precisam ser compreendidos utilizando retalhos de uma vida, embaralhados por outras pessoas.

Ao reunir os documentos arquivados por Jessy Cherem ao longo de momentos de sua vida, tem-se em mãos formas aproximativas de observar traços da titular configurando-se assim em informações biográficas, que muitas vezes não são possíveis de acessar em outros documentos, pois os documentos reunidos por ela, constituem, mesmo que em partes seu processo de arquivamento, são frutos de escolhas íntimas, ou seja, uma lógica única, um jeito singular de reunir e organizar documentos sobre uma vida. “Traços duráveis do passado, quando surpreendentemente guardados, movimentam-se, pelas mãos dos historiadores, do espaço privado para a visibilidade pública” (CUNHA, 2009, p. 252).

Por se tratar de documentos encharcados de subjetividades as pesquisas com arquivos pessoais, assim como em outras fontes documentais, podem seguir por inúmeros caminhos resultando em diferentes análises e procedimentos metodológicos. Compostos por observações, interrogações, cruzamento de diferentes fontes, interpretações entre outros passos que possibilitam o pesquisador a construir relações aproximativas, não como as coisas aconteceram no passado, mas sim, sob a ótica de quem as registrou. Esses documentos, em qualquer forma ou suporte, representam a vida de seu titular, suas redes de relacionamento pessoal ou de negócios. Representam também o seu íntimo, suas obras, etc. Como destaca Oliveira (2012), são obviamente, registros de seu papel na sociedade, num sentido amplo.



PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES

O interesse pelos arquivos pessoais tem cada vez mais conquistado espaço nas pesquisas de diferentes áreas e sobremaneira no campo da História da Educação, apresentam-se meio de estudar aspectos da cultura material escolar e cotidianos da escola, ao mesmo tem que se configura como “desafio de histórias singulares e de trajetórias de vida reconectadas ao presente por meio de reconfigurações sensíveis do passado” (LANGUE, 2006, p.32). Meio possível para produção de conhecimento do campo referente a trajetórias profissionais de professores, mas também possibilita conhecer passagem da vida desses profissionais, o que pensavam, como viam a educação nos anos em que atuavam no interior das escolas. Tais possibilidades combinam assim aspectos de memórias individuais e coletivas.

Neste misto, os documentos reunidos e preservados por Jessy Cherem comportam informações importantes sobre o cenário educacional, programas de formação de professores, campanhas nacionais de modernização educacional e questões do cotidiano escolar. Além disso comporta traços biográficos de sua titular. [...] é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido. O arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (ARTIÈRES, 1998, p.12). Combinando o ato de guardar com forma de registrar sua própria vida.

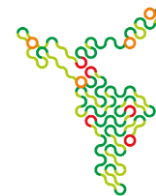
REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, jan./jun. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BELLOTTTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRUHNS, K. **Museu Histórico de Santa Catarina: discurso, patrimônio e poder (1970-1990)**. 2010. 169 p. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

MCKEMMISH, S. Provas de mim... In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Orgs.). **Pensar os arquivos: uma antologia**. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 239-259.



GOULART, A. S. **Jessy Cherem**: a construção da trajetória de uma educadora em Criciúma na década de 1960. 2012. 56 f. TCC (Graduação em Psicologia) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/handle/1/193/1/Ang%c3%a9lica%20da%20Silva%Goulart.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2017.

CUNHA, Maria Teresa. Territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo, Contexto, 2009. p. 251-279.

CUNHA, M. T. S. **DES)Arquivar arquivos pessoais e ego-documentos no tempo presente**. 1.ed. São Paulo: Florianópolis: Rafael Copetti Editor, 2019.

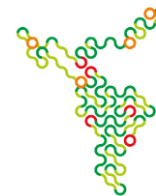
DUARTE, Zeny; FARIAS, Lúcio. O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico. Salvador: ICI, 2005.

HEYMANN, L. Q. **O lugar do arquivo**: a construção do legado de Darcy Ribeiro. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012.

HOBBS, C. O caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre o valor dos documentos de indivíduos. In: HEYMANN, L.; NEDEL, L. (Orgs.). **Pensar os arquivos**: uma antologia. Rio de Janeiro: FGV, 2018. p. 261-274.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Escritas invisíveis: diários de professoras e estratégias de preservação da memória escolar. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; SOUZA, Elizeu Clementino de (orgs.). Histórias de vida e formação de professores. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. Revista brasileira de história da educação nº 10 jul./dez. 2005 Pp. 75-99.



A TRAJETÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DA PROFESSORA NORMALISTA DINÁ DA SILVA NO MUNICÍPIO DE PRAIA GRANDE/SC (1943-1988).

Renata Carreira Corvino¹

Resumo: A presente comunicação se destina a uma reflexão sobre a vida e formação intelectual da professora normalista Diná da Silva. De origem humilde e descendente de escravos, aos 13 anos tornou-se professora no extremo sul de Santa Catarina, no município de Praia Grande. A partir das memórias e narrativas de Diná, com abordagem também por referenciais da história oral - esta investigação apresenta a mulher, negra e professora, que por décadas foi a principal referência de educação formal para comunidades isoladas. A partir da carreira e da trajetória de Diná é possível perceber também aspectos que auxiliam na construção e compreensão da identidade histórica da própria cidade, uma vez que sua experiência de vida leva indireta e indistintamente àquilo que se atribuiu ao conceito de *trânsfuga*. Assim, tendo como ponto de partida uma memória individual que apresenta uma representação de uma memória coletiva. A comunicação pretende refletir também sobre o lugar da fonte histórica quando na formação de acervos municipais.

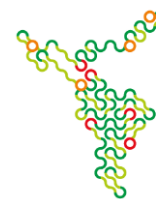
Palavras-chave: História da educação. Trajetória. História Cultural

The trajectory of life and formation of the normalist teacher Diná da Silva in the city of Praia Grande/SC (1943-1988).

Astract: This paper is intended to reflect on the life and intellectual formation of the normalist teacher Diná da Silva. Of humble origin and descendant of slaves, at the age of 13 she became a teacher in the extreme south of Santa Catarina, in the city of Praia Grande. Based on Diná's memories and narratives, also using oral history references, this research presents the black woman and teacher who, for decades, was the main reference of formal education for isolated communities. Based on Diná's career and trajectory, it is also possible to perceive aspects that help in the construction and understanding of the historical identity of the city itself, since her life experience leads indirectly and indistinctly to what has been attributed to the concept of "*turncoats*". Thus, having as a starting point an individual memory that presents a representation of a collective memory. The paper also intends to reflect on the place of the historical source when forming municipal collections.

Keywords: History of education. Trajectory. Cultural History

¹ Graduada em História pela UNESC, Criciúma/SC; Especialista em História e Cultura Afro Brasileira pela UNIASSELVI, Indaial/SC; Graduada em Pedagogia pela UNIASSELVI, Sombrio/SC. E-mail: renatacorvino@gmail.com.



Introdução

A formação educacional nas pequenas e médias cidades é um tema relativamente novo na historiografia.

A ideia da presente comunicação é compreender, aspectos da trajetória de vida, a cartografia de atuação, as relações sociais que compunham o cenário educacional na vila de Praia Grande, através das memórias, narrativas, biografia e o arquivamento pessoal da professora normalista Diná da Silva.

Nas palavras de Bosi, [...], uma história de vida não é feita para ser arquivada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.” (BOSI,2003, p. 69)

Nesse sentido a respeito do processo de arquivamento, Bastos apud Waschinewski (2020, p.6) “ao arquivamento, os itens que foram guardados adquirem uma nova vida. Como relíquias são considerados mortos, mas estão vivos na mente de quem os arquivou- e para quem os consulta, formam uma ponte entre nosso mundo limitado e outra, infinitamente mais rico da história.”

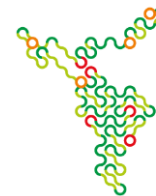
O recorte temporal desta pesquisa (1943-1988), compreende o início da sua formação escolar, seus anos iniciais no magistério, o período onde lecionou em diversas escolas no município e arredores e o ano que aposentou-se.

De acordo com documentos encontrados no acervo da antiga Escola Délia Regis, (atual Escola Estadual Bulcão Viana) e documentos administrativos da Prefeitura Municipal, sempre houve preocupação das pessoas abastadas e instruídas com a questão da educação na cidade.

Isto pode ser verificado em um trecho extraído do abaixo assinado encaminhado pelo então prefeito, o sr. José Inácio Junior ao, então governador do Estado Heriberto Hulse. “Praia Grande está condenada a falta de desenvolvimento cultural, e ainda que, denunciada a sua vocação.” (Documento oficial ano 1960 acervo Prefeitura Municipal). Dessa forma, é possível perceber que o município, recém-emancipado, carecia de lugares de instrução e ensino.

Nesse contexto, a importância da professora Diná é identificada em lugares afastados com educação reduzida. Ao longo de mais de 50 anos, atuando como professora de mais gerações de moradores da cidade, constituindo-se num daqueles raros exemplos onde a trajetória pessoal se funde com a própria história do município, cuja influência e legado ultrapassam o âmbito escolar.

O grande desafio da pesquisa é através da narrativa de dona Diná e da documentação demasiadamente fragmentada consultada, seja possível compreender o processo de educação.



Entra em cena Dona Diná....

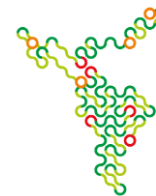
Era o ano de 1935, uma quarta-feira, feriado nacional em comemoração ao termo da luta armada entre o Paraguai e a Bolívia, tínhamos na presidência Getúlio Vargas, quando aos 14 dias do mês de junho nascia a pequena Diná da Silva. Filha de Adiles da Silva, mas foi criada por seus avós dona Maria José e Antônio José Pedro. Com a idade de 8 quase 9 anos veio morar com a avó em Praia Grande.

Ao relembrar esse período, os olhos de Diná enchem de lágrimas ao contar como os avós se conheceram: Ainda menina gostava de escutar o avô contar que havia lutado naquela revolução dos Pica-Paus e Maragatos - Revolução Federalista em 1893. Vindo de São Borja/RS, com o fim da Revolução depois de andar pelos pampas gaúchos a procura de trabalho como peão nas fazendas, chegou nas terras do Sinhô Abel Esteves na região dos Aparados da Serra (hoje área do Parque Nacional) onde conheceu a jovem Maria José da Silva, quando essa tinha 19 anos. Dona Maria José nasceu em São Francisco de Paula/RS, em 16 de agosto de 1882, filha de escravos, não podendo ser criada pelos pais na fazenda em que nasceu, devido a Lei do Ventre Livre, foi dada aos padrinhos da família Batista Carvalho para que esses a criassem.

Maria José casou-se aos 19 anos com Antônio José Pedro, dessa união nasceram Adiles, Gaspar, Adolfo, Adail e Alaíde. Moraram na serra até o casamento, depois mudaram-se para o Passo do Sertão (atual São João do Sul) em Timbopeba, a família de Diná sempre deu duro. O avô Antônio, homem simples, analfabeto, trabalhava na lida dos animais durante as festas e na agricultura para subsistência. Dona Maria José lavava e engomava roupas para fora, era uma doceira de mão cheia na região, fazia balaies cheios de pães, roscas, broas para abastecer as casas de comércio. O sustento principal da família saía da venda dos quitutes e ainda se dedicava as ervas medicinais. Os avós sempre trabalharam duro e nunca desanimavam. Criaram os filhos e os netos.

A avó preocupada com a escolarização de Diná, a matrícula na Escola Reunida Délia Regis (atual Colégio Bulcão Viana), o sonho de Maria José era ver Diná tornar-se professora, vendo na profissão de professora uma oportunidade melhor para a vida da neta.

Sobre sua vida escolar Diná, muitas vezes pensou em desistir dos estudos devido ao constrangimento que sofreu de uma determinada professora, chegando a ter uma época em que a menina não tinha vontade de ir para o colégio. Sua avó sempre muito compreensiva. Nunca culpava



a professora. Ela sempre procurava apaziguar, com palavras muito carinhosas. E desta maneira a neta foi ficando, e terminou a quarta série.

A quarta série foi um momento marcante para a professora Diná, com direito a formatura de verdade. Como Praia Grande era uma vila pertencente ao município de Turvo, as autoridades de Turvo vinham assistir as formaturas aqui (Praia Grande).

Havia paraninfo, coquetel, banda de música para tocar no baile. “As meninas eram todas de vestidinho rosa e os meninos de roupinha escura, assim azul marinho, calça e camisa” (SILVA, 2005). Existiam os padrinhos de formatura, prática que acontece até os dias de hoje. O seu padrinho chamava-se Walter Paes, era o farmacêutico, era quase considerado médico naquela época.

A formatura do 4º ano

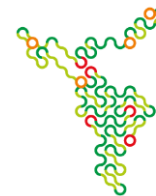


Fonte: Acervo Pessoal Diná da Silva

Sobre a tarefa de recordar, Bosi coloca que “todo processo de recordação traz consigo a necessidade da apropriação de um passado que não poderia ser construído, tampouco mantido fora de qualquer sociedade” (BOSI, 1994,p.55).

Através da metodologia da história oral, ou seja, as narrativas da professora Diná são possíveis “produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e de experiência do outro” (LOZANO, 2006).

Diná ao narrar “sua história extrai das experiências vividas, fatos, momentos e recordações contidas no “acervo” de sua trajetória de vida o que nem sempre inclui apenas a sua própria experiência, mas também as de outras pessoas que fizeram parte dessa história” (ALMEIDA,2011, p.6).



No momento em que a professora relembra seus anos na escola, ela está fazendo “uma reflexão e encontro consigo mesma, com as moças que era e com as professoras que se tornaram” (CHAMON, 2005, p.371).

Formada com 14 anos de idade, foi ensinar as crianças filhos dos capatazes, na fazenda dos Batista Carvalho, nos Campos de Cima da Serra. Lá na serra, Diná ficou pouco tempo, pois, não se adaptou pelo isolamento, pouco contato com outras pessoas, “[...] via somente gado e ovelha nas mangueiras, cavalos soltos nos campos, muitos capões com as altas e belas araucárias”.

Diante deste cenário havia um misto de encantamento com a paisagem e saudades da convivência que tinha com a avó Maria José.

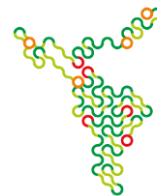
Ao analisar as narrativas do início da trajetória profissional de Diná, observamos também o ciclo de vida dos professores. HUBERMAN (1992), observou que o início da carreira representa o momento de entusiasmo, da descoberta e do encantamento, embora marcado por dificuldades e insegurança.

Retornando a Praia Grande, foi convidada por um conhecido a substituir uma professora que estava afastada devido a um tratamento de saúde, na comunidade de Sanga da Paca, que pertence ao Município de Jacinto Machado. Na época não exigia muita coisa. Essa localidade (Sanga da Paca) pertencia ao município de Turvo.

A Comunidade de Sanga da Paca, era uma comunidade de italianos. Por ser negra seu medo era sofrer discriminação e escutar coisas como: “uma negra no meio dos italianos”, mas isso não aconteceu. Lá na escola fez muitas amizades e sentiu-se segura em ensinar os alunos. Como uma forma de demonstração de carinho os alunos presenteavam a professora com salame, queijos, repolho, milho verde, garrafas de leite. Pequenos gestos que não saem da memória.

Eu gostei dessa experiência, mas era muito longe, tinha que ficar lá na comunidade, pois não havia quase linha de ônibus. Fiquei lá uns dias e como era uma escola municipal fui na prefeitura falar com o prefeito, para que procurasse outra professora. Ele não concordou que deixasse dizendo que depois arrumaria uma escola que ficava no Pinheirinho, na comunidade de Jacinto Machado, aí ele me convenceu e eu voltei a querer dar aula de novo ali (SILVA,2005).

Ao ter acesso as narrativas de Diná e outros documentos que compõem o seu acervo é possível perceber as relações sociais que ajudam a compor a sua trajetória profissional e de vida.



Como apresentado por Bourdieu (1998), as trajetórias são construção de conjunto de traços resultantes de uma biografia individual ou a relação de “agentes e as forças presentes no campo” (BOURDIEU, 1996)”.

Nesse intervalo veio o Sr. Arnaldo da Silveira falar com sua mãe Maria José, que não era para eu ficar naquele lugar. “Que era para eu vir para casa que depois ele arrumaria uma aula para mim aqui nas imediações” (SILVA, op cit). Assim ela foi atrás da conversa dele, retornando para Praia Grande.

Diná estava com uns 17 anos, quando estiveram na casa dela três senhores. Um senhor que era um chefe político aqui de Praia Grande, Arnaldo da Silveira Inácio e mais duas pessoas que eram da liderança da comunidade de Rio do Boi: Seu Joventino Marinho Pacheco e Otilio Guimarães Pacheco.

Foi então que em 1953, a professora Diná é convidada para dar aula na comunidade de Rio do Boi. “Eu disse que não sabia onde era, mas que eu queria. O trajeto feito até a comunidade era todo feito a pé ou a cavalo, não havia estradas” (SILVA, op cit).

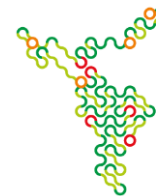
Na comunidade não tinha prédio escolar. A escola funcionava na casa do seu Joventino Pacheco. Durante a semana, ele cedeu um salãozinho para que as aulas fossem ministradas ali. “não havia carteira para os alunos sentarem, mas tinha os bancos, assim grandes, que as crianças as vezes ocupavam os bancos para escreverem, ficando sentadinhos ou ajoelhados no assoalho. Eles escreviam nos caderninhos” (SILVA, op cit).

Cabia ao professor, sair de casa em casa para fazer a matrícula dos alunos. Os alunos tinham entre treze, doze anos. Todos adolescentes mesmo.

Foi muito difícil. A gente tinha muito morro para subir. Eu subia a pé aqueles morros. Tinha criança, uns baitas de uns meninos grandes, que choravam com medo da professora, mas a gente ia conversando com eles e acolhendo até que a comunidade entrou na minha e eu na deles, e a sala já estava preparada. Tinha de vinte cinco a trinta alunos antes da enchente de 1974, pois na localidade existiam bastante moradores (SILVA, op cit).

Logo em seguida no centro da vila de Praia Grande, foi criado o ginásio, que é o Bulcão Viana (1954), sendo que depois surgiu o exame admissional, para o Complementar.

No recreio não tinha merenda, os alunos levavam batata assada na hora do recreio. Somente na metade da década de 1960 e pouco, começou a vir leite em pó e um trigo, parecido com aveia para misturar no leite.



Também eram feitas muitas domingueiras lá mesmo no Rio do Boi, para comprar os presentes para o final de ano. Também fazia algum bazar a noite. Todo o pessoal da vila de Praia Grande era convidado, principalmente os políticos. A avó é quem preparava os quitutes. O objetivo das domingueiras era arrecadar dinheiro para levar as crianças em Torres para conhecer o mar.

Além do ofício de professora, a comunidade via a professora Diná como amiga e colaboradora prestando serviços comunitários e humanitários sem distinção à toda comunidade.

Quando falecia alguém na comunidade a professora era chamada para ajudar a preparar o corpo, além de confeccionar bandeirinhas para serem colocadas no caixão, como forma de homenagear o falecido.

Todas as crianças foram vacinadas, pela primeira vez, contra a paralisia infantil, sendo a professora Diná responsável pela vacina tendo que visitar todas as casas. Nenhuma criança podia ser esquecida. Neste acontecimento percebe-se a presença do Estado através da professora.

No final dos anos de 1950, foi realizado o primeiro censo escolar.

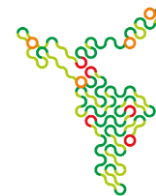
Ser professor naquela época era muito trabalhoso, as distancias entre as localidades eram bem distantes, os caminhos eram percorridos a pé, locais para as professoras se alojarem eram raros.

A professora Diná da Silva deixa de lecionar na comunidade, após 17 anos para aprimorar seus estudos e também porque sua avó/mãe já estava bastante velhinha, e alguém tinha que atendê-la.

Conforme colocado por DALLABRIDA, (2013, p.6), Diná seria o que ele considera trãnsfuga, ou seja, agentes sociais, que por meio do êxito escolar, romperam as suas barreiras de classe social e gênero.

A professora Diná lecionou no Colégio Bulcão Viana, no Rio Canoa e na Cachoeira de Baixo. Quando trabalhou nestas escolas, as condições de trabalho já eram um pouco melhores, tínhamos a presença de uma linha de ônibus, algumas vezes ía de ônibus. Muitas vezes não conseguindo ir para casa almoçar.

Depois quando era para ir embora, ela tinha que ir a pé. Não combinava o horário do ônibus com o termino das aulas. “Muita lama, muita água, era uma baixada para arroz, a gente pegava muita chuva, enfim, de tudo a gente passou e não foi fácil.”



Antes de ir para Cachoeira, por Rio Canoa e ir dar aula no Bulcão Viana, a professora Diná fez a admissão também. “Eu fiz o Normal Regional aqui, 4 anos”. Esse era o sistema de avaliação da admissão para gente entrar no Normal Regional.

A professora Diná se formou nesta última turma do Normal Regional. Dentro deste período que ela estudou 4 anos, e dava aula só na Cachoeira até meio dia e a tarde estudava no Bulcão Viana.

As disciplinas que a professora dava aula na Cachoeira eram história, geografia, matemática, português, ciências, educação para o trabalho, religião, educação física.

Em 1968, foi a formatura da professora Diná no Normal Regional, “houve outra formatura linda. Já era com aquela beca comprida, aquele chapéu, aquele jabó branco. O Normal Regional” (SILVA, op cit).

Assim que a professora Diná fez Normal Regional não demorou muito saiu o normal para os professores, em Criciúma.

Novamente Diná participou do processo seletivo em Araranguá. “Passei e ganhamos meia bolsa de estudo de governo Machado Colombo Salles. Aquele foi o nosso padrinho, que abriu aquela porta para nós professores fazermos o normal” (SILVA, op cit).

Como nesta época quase não haviam cursos universitários por perto, se o professor tivesse curso Normal, já tinha os requisitos para dar aula no ginásio.

Na metade de 1975, a professora Diná entrou na Universidade de Bagé. Em 1978 me formei em Estudos Sociais, na época era História, Geografia, OSPB, Educação Moral e Cívica. Essas quatro.

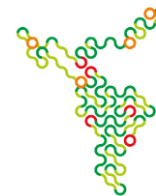
Nessa época em que eu entrei na Universidade eu era lotada no Bulcão Viana e pagava uma professora para ficar no meu lugar. A faculdade era particular era puxada. Muito fácil para entrar, mas difícil para sair. Mas eu consegui.

Depois de formada na Universidade a professora Diná voltou para a Praia Grande atuando no magistério até 17 de outubro de 1988.

Considerações Finais

A história de vida e de carreira profissional descrita, leva em consideração, se analisarmos cada história de vida e de carreira de um profissional na educação, em cidades do interior.

Entendemos que alguns pontos são bastante comuns, sendo encontrados na história de vida de tantas outras pessoas. O início dessa atividade foi sempre muito difícil, mas com o decorrer do tempo,



e as experiências adquiridas com ele, juntamente com o aperfeiçoamento que se faz necessário, leva em consideração a riqueza de experiência que surgem enriquecendo e ampliando seus conhecimentos.

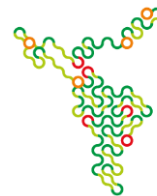
GONÇALVES apud BETTI e MIZUKAMI (1997, p.108) coloca que ao analisar o percurso profissional julga que este é o resultado da ação conjugada de três processos de desenvolvimento: o pessoal, da profissionalização e o da socialização profissional.

Outro fato que também diz respeito é que, o relacionamento familiar também interfere e influencia a vida profissional. Diná deixou a comunidade onde lecionava já há um bom tempo para aprimorar seus estudos e também dedicar atenção a sua avó/mãe com idade bastante avançada. Para MOITA apud BETTI E MIZUKAMI (1997), “o percurso profissional das mulheres tem um significado diferenciado, mesmo porque cultural e socialmente esta diferença já existe. No caso de professoras, por ela analisadas, há a manifestação do relacionamento com a família.”

Sendo assim, muitas lacunas sobre a história da educação em Praia Grande restam ser preenchidas.

Referências

- Almeida, Carla Verônica Albuquerque de. Trajetórias e Memórias de uma Educadora: Narrativas de Formação. In: **V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”**. São Cristovão/SE, 201; p. 1-13.
- BETTI, Irene C. Rangel; MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **História de Vida: Trajetória de uma professora de Educação Física**. MOTRIZ. Volume 3, dezembro de 1997, p -108-115.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5ª ed. São Paulo. Perspectiva, 1998.
- _____. **Razões e Práticas: sobre a teoria de ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- CHAMON, Magda. **Trajetória de feminização do magistério: ambiguidades e conflitos**. Belo Horizonte: editora. Autentica IFCH_FUMRC, 2005.
- DALLABRIDA, Norberto; VIEIRA, Leticia. Trânsfugas de Classe Social e de Gênero: Trajetórias Sociais e egressas de um colégio público de Florianópolis (segunda metade do século XX). In: **Atos de Pesquisa em Educação- PPGE/ME; V.8, n.3; maio/agosto 2013; p. 756-777**.



Documentos Oficiais – Prefeitura Municipal de Praia Grande/SC, ano 1960.

Documentos Oficiais - Colégio Estadual Bulcão Viana, Praia Grande/SC.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, A. (org). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992.

SILVA, Diná da. Entrevista concedida a Renata Carreira Corvino, em 2005.

WASCHINEWSKI, Susane da Costa. **Jessy Cherem (1929-2004): percursos da professora catarinense em seu arquivo em três tempos**. Tese Doutorado – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e Educação, Programa de Pós Graduação, Florianópolis, 2020.